

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

PERFIL E ATUAÇÃO DE PODCASTERS NEGRAS E INDÍGENAS NAS REGIÕES CENTRO-OESTE E NORTE¹

Valquíria Guimarães da Silva²; vguimaraes@uft.edu.br
Dione de Oliveira Moura³; dioneoliveiramoura@gmail.com (coautora)

RESUMO

A história do rádio no Brasil abrange pouco mais de cem anos e, nesse período, tanto homens quanto mulheres desempenharam papéis fundamentais na consolidação dessa mídia. No entanto, a história da contribuição das mulheres foi apagada e silenciada durante décadas. Nesse contexto, o trabalho visa explorar e destacar as iniciativas pioneiras de mulheres negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte do país, que utilizam o podcast, considerado uma evolução do rádio e que já se estabeleceu como uma nova forma de consumo e produção de conteúdos digitais, como uma maneira de expressar vivências, em sua maioria, atravessadas pela interseccionalidade de raça, gênero e classe. A pesquisa foi realizada em duas etapas: um levantamento de podcasts localizados nessas duas regiões e entrevistas semiestruturadas com as mulheres negras e indígenas que os produziram. Os resultados apontam o uso do podcast como uma ferramenta acessível para ecoar as vozes e experiências dessas mulheres que ousam serem pioneiras e protagonistas nessa nova plataforma de mídia sonora.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Comunicação; Mulher Negra; Mulher Indígena; Interseccionalidade

¹ Esta pesquisa foi realizada em equipe e contou com a colaboração de: Ana Clara Canuto, estudante de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB. Participante do Edital PIBIC 2023/2024 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UnB. Bolsista CNPq. E de Netally Vitória Souza Alves, estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Aluna voluntária na pesquisa. O presente trabalho foi desenvolvido como parte de pesquisa integrada sobre o perfil de jornalistas negras brasileira, “As Comissões de Igualdade Racial (Cojira) dos Sindicatos dos Jornalistas: perfil e atuação das jornalistas negras por meio das comissões Cojira e a feminização do jornalismo”. Com os resultados de pesquisa aqui apresentados, o subprojeto “Perfil e atuação de jornalistas/radialistas/podcasters negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte” foi realizado como estágio de Pós Doc de Valquíria Guimarães e Coordenação de Dione Moura e pretende colaborar com levantamento de dados para a pesquisa sobre jornalistas negras, assim como somar para o levantamento de dados e problematização de pesquisa nacional “As mulheres pioneiras no rádio brasileiro” (Coordenação de Valci Zuculoto e Juliana Betti).

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Vice coordenadora da pesquisa. Professora Associada da Universidade Federal do Tocantins, realizou estágio pós-doutoral na UnB, no ano de 2024, tendo atuado diretamente em projeto integrado da supervisora Dione Moura. Na Abej, é a Primeira Tesoureira (2024-2026).

³ Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora da pesquisa. Professora Titular da Faculdade de Comunicação da UnB. Bolsista PQ1 CNPq. Na Abej, é Diretora Regional Centro-Oeste (2024-2026).

1. INTRODUÇÃO

A sociologia das profissões pode ganhar em profundidade e alcance de resultados quando incorpora marcadores identitários em seus estudos, a exemplo dos marcadores étnico-raciais.

Os novos arranjos de coletivos jornalísticos assim como novos formatos, a exemplo dos podcasts, têm propiciado que novas vozes eclodam no jornalismo. Temos estudado tais fenômenos desde os anos 2000 (Moura; Costa, 2018, Moura, 2019; Moura; Santos, 2020).

Temos identificado que os coletivos, a exemplo das Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial dos Sindicatos dos Jornalistas (as COJIRAS), as comunidades quilombolas e organizações indígenas são espaços de visibilização e posicionamento das jornalistas e comunicadoras negras e indígenas.

Os coletivos de jornalistas negras e negros se articulam em torno de pautas antirracistas. Coletivos de outras profissões, trabalhadoras e trabalhadores negras e negros, como historiadoras e historiadores, também tem demarcado espaço. Coletivos e associações que se organizam desde uma perspectiva afro-indígena também.

É importante frisar que a história que se conta no Brasil não consegue discutir o verdadeiro papel da escravidão, principalmente quando fazemos o recorte de gênero e de raça, é especialmente sobre as mulheres negras que recai “[...] toda uma série de arranjos sociais e estruturas de opressão com raízes fincadas no período da escravidão” (Betti, 2021, p. 69). Para Bianca Santana (2019) o “racismo se faz presente em todos os âmbitos da vida das mulheres negras, principalmente no campo do trabalho”. E não é diferente ao pensarmos no negacionismo do papel histórico da mulher indígena. Assim, termos o recorte no campo jornalístico do rádio, para traçarmos o perfil dessas mulheres negras e indígenas, é imperativo na reconstrução dessa história, buscando o reconhecimento dessas mulheres como sujeitos da produção de conhecimento.

A história do rádio é repleta de evoluções, revoluções e adaptações, tornando este veículo um dos mais importantes na construção social brasileira e as mulheres tiveram destaque na popularização deste veículo ao longo da história. Temos as famosas cantoras do rádio, as rainhas do rádio, mas na contramão deste sucesso

feminino como cantoras, pouco se ouvia falar delas como locutoras e jornalistas, como bem pontua Juliana Betti (2021, p.60):

São elas, as Rainhas, as primeiras a serem lembradas quando falamos sobre as mulheres na história do rádio. E, não raro, são também as únicas. Pouco sabemos sobre aquelas cujas vozes não interpretaram canções, mas conduziram programas. Temos ainda menos informações sobre aquelas que atuaram fora dos estúdios ou distantes dos microfones. E este não é um problema que recai sobre um período particular, mas limita nosso conhecimento sobre toda a história do rádio brasileiro. Principalmente, fora das grandes emissoras e das capitais.

O rádio se desenvolveu e se consolidou no Brasil e no mundo, como a mídia mais popular, de maior abrangência geográfica e de público (Zuculoto, 2018). São vários os livros que contam a história do rádio e suas inovações, transformações, adaptações frente às várias mudanças ao longo de seus mais de 100 anos de existência.

A história do rádio, no entanto, tem uma lacuna. Pouco se conta sobre a participação das mulheres nesta construção. Ao buscarmos os livros e artigos percebemos que encontramos os homens, as técnicas, as mudanças do analógico para o digital (webrádio, podcast), rádios comunitárias, dentre outros aspectos.

No entanto, a mulher pouco aparece e quando isso acontece, muitas vezes, é reservado a ela um papel secundário. Entretanto, sabemos que ela é sujeita ativa na construção dessa história. Assim, com base no protagonismo feminino, é necessário contar essa outra história do rádio brasileiro. É preciso entender, como pontua Lara Haje (2003, p.94), que: “O feminismo constitui hoje um movimento multifacetado, que tem em comum a tentativa de pôr fim à dominação masculina na sociedade”.

O esforço é por redefinir gênero feminino em oposição à identidade da mulher construída no patriarcalismo”, e ao falarmos em protagonismo feminino, buscamos contar essa história sob o olhar de mulheres que foram atuantes no rádio, desde o início até chegarmos hoje a era dos podcasts, que também temos encontrado bastante protagonismo feminino na produção, locução e desenvolvimento desta mídia.

Especialmente, queremos trazer um constructo a partir do conceitual proposto por Yannoulas (2011) no qual considera-se ‘feminização’ uma alteração de aspecto qualitativo em um campo profissional como resultado do aumento de mulheres (quantitativo) - ‘feminilização’ - em determinado campo profissional.

Embora tenha ganhado destaque nos últimos anos, o podcast como uma plataforma de mídia não é tão recente quanto sua popularização. O podcast foi criado em 2004 pelo ex-apresentador do canal americano MTV, Andy Curry para “explorar uma nova possibilidade de difusão” (Souza, 2023, p. 97). Apesar de não haver um consenso no meio da Comunicação sobre o conceito de podcast (Viana, 2020), ele pode ser entendido, dentre suas várias definições, como um arquivo de áudio digital que pode ser enviado através de computadores e armazenado em reprodutores de mídia. O termo surge da junção das palavras inglesas *Ipod*⁴ e *broadcast*⁵ (Souza, 2023).

Atualmente, o podcast se estabeleceu de maneira sólida não apenas como uma das novas formas de consumir conteúdos digitais, mas também de produzi-los. Segundo o DataReport 2023, 42,9% da população brasileira entre 16 e 64 anos escuta podcast durante a semana, o que dá cerca de 30 milhões de ouvintes. Esse dado coloca o Brasil no topo da lista de países que mais consomem esse tipo de conteúdo. Diante disso, a facilidade de produção, se comparado ao rádio, aparece com uma das características mais marcantes desse formato e contribui para a popularização do podcast. Para Carvalho (2011), o fato de não precisar de altos investimentos e de conhecimentos técnicos muito especializados para se produzir um podcast, contribui para a descentralização das produções e para uma maior diversidade e pluralidade de vozes e conteúdos.

No entanto, segundo a PodPesquisa Produtor 2020-2021 da Associação Brasileira de Podcasters, a maioria dos produtores de podcast ainda é formada majoritariamente por homens (75,7%), heterossexuais (81,3%) e brancos (58,8%), enquanto 23,3% dos produtores se declararam como sendo do gênero feminino. No quesito étnico-racial, pardos (22,7%), pretos (12,9%), amarelos (2,4%) seguem logo atrás, respectivamente. De acordo com a pesquisa, a maioria dos produtores se concentram na região Sudeste com 54,21%, seguido pelas regiões Nordeste com 19,10%, Sul com 13,76%, Centro-Oeste com 6,57% e Norte com 2,05%, respectivamente.

⁴ Dispositivo de reprodução de mídia portátil criado pela empresa americana de tecnologia, Apple.

⁵ Método de transmitir informações simultaneamente para receptores.

Apesar desse cenário, Silva (2023, p. 168) afirma que “é notável a maneira como o podcast vem se modificando a partir da apropriação deste espaço realizado por minorias sociais.” Para esses grupos, e no caso das mulheres negras e indígenas, que são o foco da pesquisa, o podcast aparece como uma ferramenta de resistência às opressões racistas e sexistas oriundas da sociedade e reforçadas pelos meios de comunicação dominantes, local onde essas mulheres possuem pouca ou nenhuma abertura para compartilhar suas vivências (Cavalcante, 2023). Ao terem a liberdade de criar um espaço onde suas vozes serão ouvidas e levadas em consideração, não só por seus pares, mas também por aqueles que se dispuserem a ouvir, mulheres negras e indígenas agregam suas experiências, atravessadas por múltiplas interseccionalidades, a um mundo que insistiu em silenciá-las durante séculos.

O termo interseccionalidade surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 no meio sociológico em conformidade com os movimentos feministas de mulheres negras, a partir do entendimento de que as mulheres negras não compartilham das mesmas vivências das mulheres brancas de classe média. Atualmente, o termo se refere à ideia de que as vidas das mulheres, como as negras e indígenas, que são submetidas a sistemas de poder interligados e suas formas de resistência e superação das discriminações, são fortemente influenciadas por fatores como gênero, raça, classe, sexualidade, religião e outros marcadores sociais, dependendo do contexto analisado (Moura; Almeida, 2019). Esses fatores também aparecem e influenciam na produção de podcasts. Com a constante representação negativa e estereotipada das mulheres negras nos meios de comunicação hegemônicos, elas se tornam incapazes de se visualizar em novos espaços (Cavalcante, 2023), não à toa, na produção de podcast, um espaço ocupado majoritariamente por homens, conteúdos feitos por mulheres ganham menos visibilidade (Costa; Silva, 2023).

2. MATERIAL E MÉTODOS

A escolha dos materiais e métodos, enquanto caminho que possibilita a apreensão da realidade, combina uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa. Através de um levantamento realizado entre setembro de 2023 e maio de 2024 em plataformas de áudio como Spotify, Deezer, Apple Podcast, Amazon Music e

também por meio das redes sociais Instagram e X, e ainda através do mapeamento da mídia negra no Brasil, identificamos um total de 60 podcasts produzidos por mulheres que se encaixavam nesse perfil étnico-racial e profissional e realizamos entrevistas semiestruturadas, “um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa” (Duarte, 2005, p.66), com 23 mulheres que se disponibilizaram durante os meses de maio a agosto de 2024, com o objetivo de compreender a trajetória e o contexto por trás da criação e produção dos podcasts.

A pesquisa se utilizou de questionários para coletar dados e entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as mulheres que se disponibilizaram. Dos 60 podcasts identificados no levantamento, 29 estavam localizados em estados da região Centro-Oeste e 31 em estados da região Norte, conforme mostram as Tabelas 1 e 2, respectivamente:

TABELA 1: PODCASTS DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS – REGIÃO CENTRO-OESTE

Estado	Podcast
Distrito Federal	Depois da Rocha
Distrito Federal	Copiô, parente!
Distrito Federal	Pretos no Topo
Distrito Federal	Papeando com Ísis
Distrito Federal	Véi Podcast
Distrito Federal	Geração 4P
Distrito Federal	+50PodMais
Distrito Federal	Mais um Podcast
Distrito Federal	Negras Antropologia Cast
Distrito Federal	Escute a Negritude
Distrito Federal	Preta Pop Podcast
Distrito Federal	Realce
Distrito Federal	Antropologia, como faz?
Distrito Federal	Podcast Direitos Iguais
Distrito Federal	#eVamosdeHashtag
Goiás	Pretas, Pobres & Soberbas
Goiás	CPod
Goiás	Leia Mais Mulheres
Goiás	Podcast Negritudes
Goiás	De Gregas a Goianas
Goiás	Glossário do Bem
Goiás	WapariCast
Mato Grosso	Originárias
Mato Grosso	Paraskeué - Podcast para a vida
Mato Grosso	Boca de Siri
Mato Grosso	Lista Negra Pod
Mato Grosso	Sementes Podcast

Mato Grosso	Drama de Novo
Mato Grosso do Sul	Questão de Pele

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

TABELA 2: PODCASTS DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS – REGIÃO NORTE

Estado	Podcast
Acre	Galvez, o imperador do Acre
Acre	Hora da Floresta
Acre	Conversa MP
Amapá	Amapá nas Entrelinhas
Amapá	Na Beira do Rio
Amazonas	As Amazonas
Amazonas	Amazônia Indígena
Amazonas	Rede Wayuri – Papo de Maloca
Pará	Carta Amazônia
Pará	Wyka Kwara
Pará	Escritoras Paraenses
Pará	Mulheres do Mar
Pará	Marabá: uma história a ser contada
Pará	Podcast Fala, Umarizal - Vozes Quilombolas
Rondônia	OABlack
Rondônia	AlumniCast
Roraima	Boa Bixa, Roraima
Roraima	Roraima
Roraima	CCast – UFRR
Roraima	Macuxicast
Roraima	30 minutos de Notícias
Roraima	Kunhantã - Narrativas de Mulheres Indígenas
Tocantins	Viver Mumbucar
Tocantins	Segue as Pretas
Tocantins	Mulheres na Física – Programa Alvorecer - Alvorecer Física
Tocantins	Que história é essa? O Tocantins e a Independência
Tocantins	Projetos Livres! A realidade e os desafios do encarceramento feminino no Tocantins
Tocantins	Trilha Quilombola
Tocantins	Rum Ai Ai
Tocantins	Papo de Pretas

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Paralelamente à realização do levantamento dos podcasts, elaboramos um formulário teste para sondar dados iniciais de pelo menos uma mulher negra ou indígena de cada estado das duas regiões pesquisadas. No entanto, devido a dificuldades de contato com algumas dessas mulheres produtoras de podcast, especialmente da região Norte, conseguimos coletar apenas os dados iniciais de 4 mulheres negras: 1 do estado de Goiás, 1 do Distrito Federal, 1 do Mato Grosso e 1 do

Tocantins. Após isso, o formulário final foi desenvolvido e enviado para as mulheres negras e indígenas produtoras de quase todos os podcasts identificados. Ao todo, foram enviados 45 formulários, no qual 31 foram respondidos e 14 ficaram sem resposta. Não foi possível enviar o formulário para 15 podcasts identificados, tanto da região Centro-Oeste quanto do Norte, devido a dificuldades de contato com quem os produziu.

Após a identificação, elaboramos um roteiro com 9 perguntas relacionadas à origem, ao processo de produção dos podcasts, questões relacionadas a interseccionalidade e demos início às entrevistas semiestruturadas conforme as mulheres iam se disponibilizando a realizá-las por meio do formulário, onde tinha um espaço para indicar a disponibilidade ou não para a entrevista e colocar um número de celular para contato. As entrevistas foram realizadas com 23 mulheres por meio da plataforma Google Meet, com duração média de 50 minutos cada. Desse total, 9 mulheres (4 negras, 1 indígena e 4 brancas) eram de estados da região Norte e 14 (13 negras e 1 indígena) eram de estados da região Centro-Oeste. No quesito étnico-racial, 17 mulheres se autodeclararam como mulheres negras (pretas e pardas), 2 se autodeclararam mulheres indígenas e 4 se autodeclararam como mulheres brancas. Tanto os questionários como as entrevistas foram cuidadosamente analisados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, para melhor compreensão das reflexões das mulheres participantes.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

No Centro-Oeste dos 29 podcasts identificados, 5 não possuíam contato, enviamos 23 formulários (questionário de pesquisa), recebemos 18 respostas (17 negras e 1 indígena) e realizamos 14 entrevistas (13 negras e 1 indígena). Na região Norte, dos 31 podcasts identificados, 9 não possuíam contato, enviamos 22 formulários, recebemos 13 respostas (7 negras, 2 indígenas e 4 brancas) e realizamos 9 entrevistas (4 negras, 4 brancas e 1 indígena).

Dos 60 podcasts identificados nas Regiões Centro-Oeste e Norte, 14 não possuíam contato, 45 podcasts receberam o formulário (questionário da pesquisa), 31 responderam e 23 entrevistas foram realizadas. Do total de podcasts, 51,67% são do Norte e 48,33% do Centro-Oeste. O formulário foi enviado para 75% dos podcasts

mapeados. Desses tivemos a resposta de 68,88%, e dessas respostas 74,2% aceitaram conceder a entrevista, demonstrando um alto índice de adesão, principalmente da região Centro-Oeste.

Das respostas que tivemos, 58% das participantes são da Região Centro-Oeste e 42% da região Norte. O Distrito Federal foi a localidade com maior número de podcasters, com 22,6%, seguido do Pará e Tocantins, ambos com 16,1%. Conforme gráfico 1.

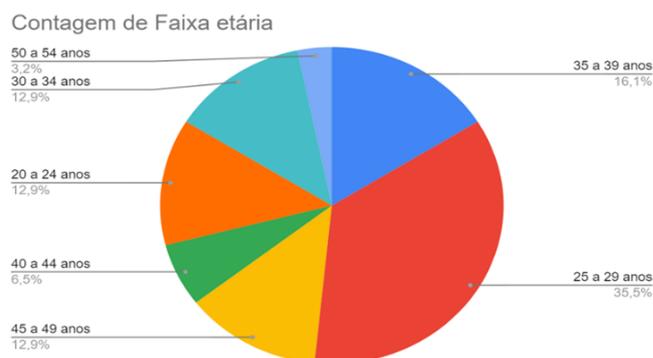
GRÁFICO 1: DE ONDE VOCÊ É?



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

As participantes são jovens, com a maior porcentagem para a faixa etária de 25 a 29 anos, com 35,5%. E ao somarmos as faixas etárias de 20 até 29 anos, temos 48,4%. A menor faixa etária foi dos 50 a 54 anos, com apenas 3,2%, como mostra o gráfico 2.

GRÁFICO 2 - FAIXA ETÁRIA



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

A maioria dos podcasts ainda está ativo, 65,5%. Embora algumas entrevistadas tenham dito que marcaram que está ativo porque pretendem continuar a produção de novos episódios, mas que no momento não estão desenvolvendo, tanto que das 23 entrevistadas, 39,1% não estavam com produções de episódios em 2024.

Uma das principais dificuldades apresentadas por nossas entrevistadas para continuidade dos podcasts é a questão financeira e o tempo. A maioria, 69,6%, produz o podcast com recursos próprios, tendo que trabalhar e fazer o podcast nos momentos livres. Das nossas entrevistadas nenhuma vive exclusivamente do podcast, poucas tiveram acesso a editais de financiamento, apoio institucional, e outras contaram apenas com a ajuda de amigos, que emprestam equipamentos ou fizeram descontos para a utilização do estúdio. Muitas produções são caseiras, com gravações e edições realizadas pelo próprio celular. De acordo com nossas entrevistadas, seus trabalhos são produções independentes, a maioria faz sozinha ou possuem poucas pessoas na equipe. Um outro aspecto apontado para a dificuldade de monetizar com o podcast, são as temáticas trabalhadas, a maioria afirmou que os temas não chamam a atenção de empresas, que elas consideram que não vão gerar lucro, ou até que podem ser considerados como temas polêmicos. E por isso a necessidade de mais editais que possam dar apoio a essas produções, tipo a lei Paulo Gustavo e Aldir Blanc, citada por Érika Morhy, do podcast Mulheres do Mar, assim como apoios institucionais, como pontua Danielle Pavan, do podcast Leia Mais Mulheres.

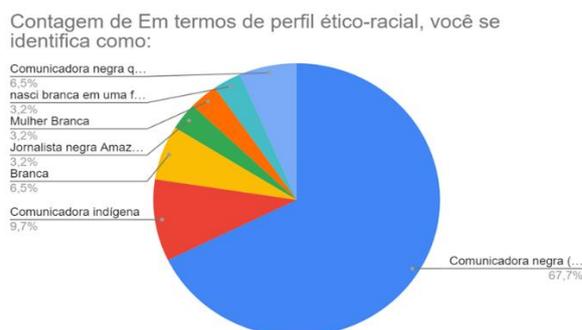
Eu quero reforçar a importância do apoio institucional. Às vezes, as resoluções, elas são muito amarradas a um formato de projeto, sabe, projetos que não contemplam o audiovisual, eu acho que o audiovisual, ele tem uma posição um pouco marginal dentro das Universidades, por exemplo. Eu acho que as Universidades e os Institutos ainda não se deram conta da importância que é essas linguagens, né, na comunicação com a sociedade, né? E com os estudantes de maneira interna. Eu acho que as humanidades, a comunicação, ela precisa ter uma atenção maior, sair da posição marginal que é colocada muitas vezes, né? Às vezes as engenharias, elas recebem muito mais atenção institucional, e são lugares ocupados por homens brancos geralmente, né? Então, eu acho que é isso, sabe? E as instituições, elas precisam estimular um pouco mais, eu falo, eu tô falando de onde eu parto, né? Estimular um pouco mais essas novas formas de diálogo, acho que é isso. Estar atento, valorizar e estimular. Valorizar mais esse campo de estudo, a comunicação como campo de estudo, como campo de diálogo com a sociedade (Danielle Pavan. Entrevista 01/05/2024, podcast Leia Mais Mulheres).

Eu vejo com muitos bons olhos essa possibilidade, os programas sociais, os programas de inclusão porque eles permitem que as mulheres, que estão sempre correndo atrás do prejuízo, consigam disputar espaço, por exemplo, de financiamento. Então, a Lei Aldir Blanc, no nosso caso, tinha uma cota para mulheres e tinha uma cota para o interior, por região. Isso com toda certeza me ajudou a ser selecionada, por mais que a minha pontuação fosse incrível. Tradicionalmente, aqui no Pará, vemos que são sempre os mesmos artistas beneficiados, até porque são eles que dominam a linguagem de elaboração de projetos e conseguem transitar nos espaços de poder e barganhar oportunidades. Então, ainda são necessários esses recursos, que o poder público tem oferecido para alcançar pessoas que historicamente estão mais excluídas do processo. A maioria das oportunidades que vejo para as mulheres é porque ou uma organização internacional está oferecendo vagas prioritariamente para mulheres, ou porque a lei de incentivo tem cota para mulheres, tem conta para negras, tem cota para indígenas. Então, com toda a certeza, eu vejo, não só para a cultura, mas também na comunicação. Então, eu entendo que é fundamental a diversidade porque o nosso país é diverso. A Amazônia também é diversa. A Amazônia não é uma massa homogênea de florestas e rios; ela é extremamente diversa, né? E pessoas negras são diversas, pessoas indígenas são diversas em suas sexualidades, nas suas subjetividades de um modo geral. Então, é preciso que o poder público ofereça esses recursos (Érika Morhy. Entrevista 01/07/2024, podcast Mulheres do Mar).

A formação acadêmica de 45,2% das podcasters é em Jornalismo. Mas 48,4% se identificaram em termos profissionais como Comunicadora. Sobre a forma de ingresso na universidade, a maioria informou que não foi pelo sistema de cotas, 58,1%.

A maioria das podcasters se identificou como comunicadora negra (preta ou parda), 67,7%. Também tivemos 6,5% que se identificou como comunicadora negra quilombola (preta ou parda), e ainda 3,2% como jornalista negra amazônica, totalizando 77,4% de mulheres negras. Apenas 9,7% se identificaram como comunicadora indígena. E ainda 12,9% de mulheres brancas, ver gráfico 3.

GRÁFICO 3: EM TERMOS DE PERFIL ÉTNICO-RACIAL, VOCÊ SE IDENTIFICA COMO:



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Com relação às nossas 23 entrevistadas, também tivemos a maioria como comunicadora negra (preta ou parda), 69,6%. Também tivemos 4,3% que se identificou como comunicadora negra quilombola (preta ou parda). Apenas 8,7% se identificaram como comunicadora indígena e 17,4% das nossas entrevistadas se identificaram como brancas. Sobre o perfil profissional delas temos: 56,5% de comunicadoras, 26,1% de jornalistas profissionais, 8,7% de jornalistas profissionais e podcasters, 4,3% de assistentes de maquinaria e 4,3% de professoras.

Este resultado aponta a utilização do podcast como um espaço acessível e campo de fala dessas mulheres. Demonstra uma oportunidade de discussão da pauta de gênero, da pauta racial e suas intersecções. Entendemos como Aline Hack (2023, pp.10/11) “[...] que o podcast é um lugar político e emancipatório, no qual podemos falar livremente daquilo que acreditamos. [...] para transformar realidades a partir de uma mídia que acolhe tantas pessoas por meio dos fones de ouvido”. Sobretudo, se observamos as discussões dos podcasters com temáticas negras e indígenas das Regiões Centro-Oeste e Norte (vide Tabelas 1 e 2), percebemos uma alta sincronia dos podcasters com a perspectiva da educação midiática (combate à desinformação) e do letramento étnico-racial (o que é a questão étnico-racial e quais as melhores formas de abordar tal questão). E ainda compreendemos como bem pontua Rafaela Souza (2023, p.85):

Essa participação constitui um processo de representatividade [...]. Essa organização leva ao reconhecimento do indivíduo dos papéis e atuações que ele executa dentro das contradições da lógica do capital. São momentos de ‘desalienação’. Ele não necessariamente despertará consciência de classe, mas se deparará com uma perspectiva cidadã.

Essas considerações de Souza (2023) foram bem percebidas nas falas de Yanna Calisto, do podcast Preta Pop, e de Adriã Boréa, do podcast Kunhantã, ao relatarem, durante as entrevistas, seus processos de reconhecimento.

Quando eu era pequena, eu não me via como uma menina preta assim, só que é muito doído, porque ao mesmo tempo que eu era diferente das minhas amigas, eu sabia que eu era diferente, eu era tratada diferente, eu não sabia o porquê. Minha mãe é branca. Então, eu não tinha tanta essa percepção sobre a minha raça, sobre a minha cor e tudo mais. Quando eu fiz 18 anos que eu saí da escola é que fui entender que eu era uma mulher preta. Acho

que a minha trajetória foi diferente de muitas meninas pretas e mulheres pretas que eu convivo hoje em dia, que tem famílias que moram em lugares que tem mais pessoas pretas, que estudaram em lugares que tem mais pessoas pretas. Aí é sobre isso, sabe? Conhecer as pessoas e falar eu sou muito parecida com elas, essas pessoas me representam e eu as represento. Então, eu acho que o podcast é trazer essa voz, não só delas, artistas pretas e esses artistas pretos também, mas como a minha voz que foi calada durante muito tempo, porque nem eu mesma sabia que era preta. Então, eu acho que trazer essa identidade de ter uma apresentadora de um podcast uma mulher preta é muito potente, sabe? E isso para mim é muito importante também, então eu acho que vai trazer essa representatividade (Yanna Calisto. Entrevista 13/05/2024, podcast Preta Pop).

Kunhantã é uma palavra tupi-guarani, que significa mulher forte, mulher resistente, então, por isso trazer essa palavra. O Kunhantã, ele traz entrevistas com mulheres indígenas que residem em Roraima, ele surgiu de um ímpeto meu de não ser vista, nem ouvida, nem lida dentro da universidade, dentro do curso de Comunicação, eu me sentia não representada. Então, a partir de uma disciplina chamada jornalismo comunitário, uma professora, ela sugeriu que cada aluno criasse uma mídia que tivesse esse viés de comunicação comunitária, de comunicação popular. E daí eu estava num processo de entendimento meu, de quem eu sou. Eu sou uma mulher, mas eu sou uma mulher indígena. Como é que eu me olho no espelho e como que outras mulheres como eu também se olham no espelho? Então, foi nesse movimento de ampliar vozes, de criar um coletivo de vozes para me entender também como mulher indígena, e foi aí que eu tive a ideia de criar o podcast Kunhantã: narrativas de mulheres indígenas. Eu sou uma mulher indígena que precisou passar por um processo de retomada para poder se entender como pessoa indígena. Durante muito tempo eu não sabia quem eu era, a minha identidade foi arrancada. Eu digo que eu fui arrancada do peito da mãe terra. Muito cedo eu saí da minha comunidade, muito cedo eu vim para a urbanidade e na urbanidade, aqui na cidade, a vida é muito hostil e se você não se agarrar ao coletivo, você morre e as suas memórias também morrem com você. A sua ancestralidade também morre, então, a inspiração do Kunhantã foi um grito, assim, um grito de eu vou ficar louca se eu não compartilhar isso que eu tô sentindo. É a partir de uma de uma ausência de representatividade, de uma ausência de um rosto parecido com o seu. Aí, você vai curiosa procurando onde tem um rosto parecido com o seu. E aí eu fui ser caçadora de memórias, caçadora de mulheres ancestrais, para me dar força também e até hoje nós nos energizamos, nós nos reencantamos (Adriã Boréa. Entrevista 05/08/2024, podcast Kunhantã).

Dos 60 podcasts mapeados pela pesquisa, 36 (o que corresponde a 60%) são voltados para questões de formação cidadã, educação, étnico-racial etc, logo para uma perspectiva libertadora, desde a visão paulofreiriana (Freire, 1981). E mesmo os que não são específicos no seu conceito como voltados para essa educação cidadã, nas entrevistas percebemos que há essa preocupação das podcasters em usar o espaço, como um lugar de fala, trazer para a cena as discussões que muitas vezes não são pautadas pela mídia tradicional. Como bem relataram nas entrevistas:

Não tem como desassociar, eu não desassocio nada da minha vida dessa interseccionalidade. O fato de eu ser uma mulher, o fato de eu ser uma mulher negra, é determinante para construção da minha subjetividade. Então, tudo que eu faço, todos os lugares que eu passei, a minha vida profissional até aqui... tudo foi influenciado por essas condições. Influenciado negativamente e positivamente. No podcast, foi o lugar que eu encontrei para ter autonomia que na minha vida profissional enquanto jornalista negra, que eu não tinha. No sentido de jogar luz no que eu considerava importante, não que as outras coisas não fossem, mas eram análises sempre feitas pela narrativa dominante. E aí no podcast eu tinha autonomia de mostrar uma outra narrativa. Então, fez toda a diferença. Então, tá completamente relacionado. Principalmente nos assuntos que a gente aborda no podcast (Carolina Martins. Entrevista 17/05/2024, podcast Geração 4P).

Então, eu acho que essa questão do Boca de Siri, por mais que ele tenha pautas que não sejam específicas para isso, a gente pensar nas convidadas que mostre o trabalho delas. Então, sempre que a gente pode trazer de alguma forma e dar voz e aproveitar que a gente está nesse lugar aqui dessa vivência, a gente sempre busca trazer mulheres, e eu busco trazer sempre. E eu também gosto muito de trazer em cenários que não é para falar sobre a mulher negra, eu gosto de trazer em cenários do dia a dia, que ela pode falar sobre qualquer coisa, porque eu acho muito chato você convidar uma pessoa negra, só porque ela é negra e assunto só sobre isso (Laura Resende. Entrevista 10/06/2024, podcast Boca de Siri).

A gente sempre gostou de pontuar essa questão de gênero mesmo, de entendermos que pelo fato de serem duas mulheres de ponta a ponta na produção, então, para a gente, como duas mulheres que são feministas, que são atuantes nas causas femininas e feministas, a gente sempre conseguiu ter esse olhar para todos os temas, a gente trazia de alguma forma. Então, com cada entrevistado, com cada roteirização, a gente sempre tem esse olhar por trás, e eu assim na minha visão e na minha vivência, né de uma mulher branca, eu trago nesses traços brancos, mas com uma família toda miscigenada própria da Amazônia, com um pé na aldeia e outro no quilombo, com uma avó quilombola e avô indígena, eu sempre tive essa vontade de comunicar, de levar conhecimento às pessoas e conhecimento do nosso lugar, da nossa terra, do centro do mundo, que para nós é a Amazônia, né? É dessa importância que nós temos enquanto amazônicas, de valorizar, de te cultivar aquilo que é nosso, para que os outros não continuem nos colonizando, falando por nós, decidindo por nós as nossas vivências, as nossas realidades, as nossas decisões políticas sociais, econômicas, a nossa biodiversidade. Então, a gente, eu entendo muito isso a partir justamente do lugar que eu tô, de mulher, de alguém que quase nunca teve voz na sociedade. Entender que esses meios e essas mídias nos proporcionam essa possibilidade hoje de falar por nós, de expressar aquilo que é nosso, nossos desejos, de mostrar que nós somos, temos voz ativa, que nós podemos também participar dessa transformação social (Andreia França. Entrevista 11/06/2024, podcast Na Beira do Rio).

Do total de podcasts que estão na pesquisa, temos 25% deles voltados exclusivamente para as discussões étnico-racial e de gênero, como por exemplo **Depois da Roda**, um podcast do Distrito Federal, que busca dar mais espaços às vozes negras, com episódios que falam desde negritude, branquitude e educação até capacitismo e pautas sociais atuais. Temos o **Negritudes**, podcast de Goiás, que nasceu da necessidade de se falar sobre assuntos que perpassam o cotidiano dos negros e negras e suas particularidades. Tem como objetivo debater as diferentes faces do racismo estrutural, presentes na tecnologia e na comunicação. Podemos citar, também, o **Papo de Pretas**, podcast do Tocantins, que debate sobre o papel da mulher na sociedade e como elas conquistaram os seus direitos, numa perspectiva dos Direitos Humanos. E ainda o **Kunhantã**, um podcast de Roraima, que traz as narrativas de mulheres indígenas. A cada episódio, uma mulher indígena é convidada para um bate-papo sobre a luta das mulheres indígenas, suas vivências, carreiras, experiências, preconceitos e superações.

Os podcasts, assim, demonstram um grande potencial como elementos que podem ser integrados em processos educacionais - em grupos, coletivos, trabalhos comunitários e de educação popular (Freire, 1992), integrados à perspectiva de Paulo Freire (1981) da pedagogia libertadora, centrada no sujeito e em sua experiência, permitindo a apropriação do conhecimento, humanizando o processo educativo e levando à transformação das relações sociais. “A educação é um processo fundamental para ajudar os sujeitos a promoverem o processo de mudanças em suas vidas, e deve se iniciar pela experiência que o sujeito tem de sua situação em seu ‘contexto real’” (Silva, 2004, p.27). Efetivamente, vários dos podcasts aqui estudados já são partícipes de processos educacionais, com uma lente de pedagogia libertadora no contexto da alfabetização midiática (Freire; Guimarães, 2022). E como partícipes desses processos fizemos um exercício com nossas entrevistadas, solicitando que elas falassem cinco substantivos relacionados ao podcast, que representasse o que significava o podcast para elas e que sentido elas querem que seus podcasts tenham para a sociedade. A partir das palavras ditas por elas construímos uma nuvem de palavras, que compartilhamos a seguir (Ver Imagem 1):

IMAGEM 1: NUVEM DE PALAVRAS



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Como podemos perceber, essas mulheres já buscam por uma pedagogia libertadora da misoginia, sexismo e discriminações étnico-raciais, em coletivos de mulheres negras e indígenas nas Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que tivemos mais acesso às mulheres negras produtoras de podcast (58%) dos estados da região Centro-Oeste em comparação com a região Norte (42%), que por problemas de contato com as mulheres produtoras de podcast da região, não foi possível ter os mesmos dados quantitativos nem por meio do questionário, nem através das entrevistas. O perfil encontrado é de mulheres majoritariamente negras (77,4%), entre os 20 e 39 anos de idade, graduadas em Jornalismo (45,2%), mas que, de maneira geral, se entendem como comunicadoras (48,4%) e que não entraram em instituições de ensino superior por meio de cotas (58,1%).

Assim como Cavalcante (2023, p.139), percebemos o quanto essas mulheres, negras e indígenas, principalmente as negras, buscam “formas de resistência às constantes situações de discriminação e injustiças sociais que lhes acometem. Essas resistências ocorrem de maneira individual ou coletiva, podendo ser silenciosa ou não”.

Nesse contexto, o podcast se apresenta como uma das ferramentas utilizadas pelas mulheres negras como resistência à reprodução das opressões vividas por esse grupo, além de ser uma maneira encontrada para subverter a lógica da naturalização do racismo e do sexismo que se reproduzem nos meios de comunicação massivos (Carneiro, 2003a), em que essas mulheres muitas vezes não possuem espaço para construir um debate voltado à humanização das mulheres negras (Cavalcante, 2023, p.139).

Apesar de em menor número, também percebemos o fenômeno começando a florescer entre as mulheres indígenas que buscam através do podcast a autonomia para desenvolverem seus conteúdos e se apresentarem como protagonistas das suas próprias narrativas.

Hack (2023, p.205) afirma que “no podcast é possível encontrar elementos importantes como a ideologia, a cultura e suas expressões culturais, estruturas sociais, produções de sentidos e significados a respeito dos movimentos sociais feministas e o combate e percepção das lógicas hegemônicas”. Dentro da nossa análise, foi totalmente percebido esses elementos na construção e perfil dos podcasts e das podcasters que compuseram a nossa amostra nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Foi possível perceber como o podcast possibilita a construção de um espaço seguro para mulheres negras e indígenas compartilharem suas vivências e fortalecerem o empoderamento de outras mulheres ao colocarem suas vozes “no mundo e serem sujeitas de suas próprias narrativas” (Cavalcante, 2023, p.159).

Bell Hooks (2019, pp.38-39), em sua análise, traz essa perspectiva do lugar de fala, do rompimento com o silêncio, para essas mulheres:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta.

O podcast aparece, então, como um espaço livre para que elas mesmas decidam sobre as temáticas e os assuntos que irão abordar e como uma ferramenta para trazer visibilidade, assim como um local de escuta, para suas vozes e questões relacionadas às suas vivências. Segundo Ferreira (2023), mulheres podcasters desenvolvem projetos, em sua maioria, ligados a pautas identitárias justamente porque produtores

de podcast, de maneira geral, produzem conteúdos sobre temas que gostam, dominam ou que ouviriam. Por isso, se torna tão importante que mulheres negras e indígenas compartilhem as histórias, sentimentos e sensações que as atravessam para que a narrativa hegemônica associadas a elas seja subvertida por suas próprias vozes (Cavalcante, 2023). Para que isso continue e se consolide, é importante que cursos de capacitação, editais de fomento, patrocínios e iniciativas de financiamento sejam elaboradas e sistematizadas para que os podcasts já existentes continuem e para que cada vez mais mulheres tenham a oportunidade de compartilhar suas visões de mundo a quem estiver disposto a ouvir.

Por fim, os resultados ecoam a perspectiva proposta, há uma década, por Moura, Figueiredo e Nunes (2014) de que as mídias sociais poderiam ser plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo, o que abriria espaço para a produção de pessoas negras e indígenas em tais espaços. Os resultados do exame detalhado da produção de mulheres podcasters negras e indígenas em duas regiões brasileiras confirma que tal perspectiva se concretizou, pois as podcasters trazem, tanto na produção dos podcasts (desde a definição do nome até da temática do podcast), quanto na resposta ao questionário de perfil que aplicamos quanto nos depoimentos, nas entrevistas, que realizamos, um posicionamento muito dirigido a utilizar as plataformas digitais, no caso o podcast, para exatamente dar visibilidade a pautas de mulheres negras e indígenas e, assim, reduzir o esquecimento coletivo de ambos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ABPOD, Associação Brasileira de Podcasts. PodPesquisa, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 17 out. 2024.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero**: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Florianópolis – SC, 2021. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 292p.

CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast**: Novas possibilidades sonoras na Internet. 2011.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. A humanização de mulheres negras na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.

COSTA, Cláudia; SILVA, Eliana Coelho da. Ativismo digital feminista e interseccionalidade. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.



DATA, Reportal. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-deep-dive-online-audio-captures-more-of-our-attention>. Acesso em: 16 out. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005.

FERREIRA, Ariane. Elas falam para que eles possam escutar. In HACK, Aline (Org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo, Blimunda, 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia** - Novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2022.

HACK, Aline. Apresentação. In HACK, Aline (Org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo, Blimunda, 2023.

HACK, Aline. Olhares podcast: fenômeno cultural, narrativas e identidades feministas. In HACK, Aline (Org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo, Blimunda, 2023.

HAJE, Lara. Esferas públicas feministas na Internet. In **Logos: Sexo, gênero e mídia**. Ano 10, nº 19, 2º semestre de 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/16505>

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOURA, Dione O. COSTA, Halana. Moreira Ramos. Mulheres jornalistas e o 'teto de vidro raça/gênero/classe' a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Mônica. (org.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 193-207.

MOURA, Dione O. Excluídas dentre as excluídas: as jornalistas negras perante o teto de vidro gênero/raça/classe no processo de feminização do jornalismo no Brasil. In: BELISÁRIO, Kátia; MOURA, Dione O.; GUAZINA, Liziane S. (org.). **Gênero em pauta: Desconstruindo violências, construindo novos caminhos**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2019. p. 139-151.

MOURA, Dione Oliveira; ALMEIDA, Tânia Mara. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. **Revista Arquivos do CDM**, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019.

MOURA, Dione Oliveira, SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. O encontro da Vigilância Comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: MOREIRA, Marcos; SANTOS, Ivair Augusto dos. (org.). **As estruturas dissimuladas do racismo: história, memórias e resistências**. 1. ed. Porto Alegre: Nova Praxis Editorial, 2020. p. 167-189.

MOURA, Dione O.; FIGUEIREDO, Verônica de S. ; NUNES, J. C. . Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira; GERALDES, Elen Cristina; PEREIRA, Fábio Henrique; OLIVEIRA, Madalena; ADGHIRNI, Zélia Leal. (Org.). **Jornalismo e Literatura: Aventuras da memória**. 2ed. Brasília: Centro de Estudos Com. e Sociedade da Universidade do Minho/UnB, 2014, v. 1, p. 187-204. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/190 Acesso em: 12 mar 2025

SANTANA, Bianca (Org.). **Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVIII à primeira década do século XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

SILVA, Valquíria Guimarães da. **Pedagogia da Submissão nas Relações de Gênero: um olhar sobre sexualidade, corpo e saúde entre mulheres de uma comunidade do município de Cabedelo-PB**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2004.

SILVA, Alice dos Santos. Mulheres Podcasters, a articulação ciberfeminista na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.

SOUZA, Rafaela Martins de. O podcast como ferramenta possível para uma comunicação feminista. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo: Brazilian Journal of Communication**, v. 39, n. 3, 2020.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. **Feminização ou femilização**. Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, jul./dez 11(22), 271-292, 2011.

ZUCULOTO, Valci. Prefácio 1. In PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia (Orgs). **Migração do rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018.